

Apostila



Semana de Formação **DIOCESANA**





INDÍCE

Apresentação	3
Introdução ao Povo de Deus	4
Capítulo I - Povo de Deus que caminha	7
Capítulo II - Povo de Deus que anuncia	12
Capítulo III - Povo de Deus que partilha	21
Capítulo IV - Povo de Deus que celebra	25
ANEXO: A igreja e sua missão na realidade atual (Palestra ministrada por Dom Pedro Carlos Cipollini, para os Conselhos Regionais de Pastoral em março de 2023)	31



APRESENTAÇÃO

Caros irmãos e queridas irmãs, Povo de Deus na Diocese de Santo André, este subsídio que vocês têm em mãos é iluminado pela Semana Diocesana de Formação. Seu objetivo é formar cristãos leigos e leigas que fazem parte do Povo de Deus que caminha, partilha, anuncia e celebra juntos a mesma fé. A nossa fé nos indica a acolhida como pilar da evangelização e da imitação de Jesus: “Vinde a mim vós todos que estais cansados...”. A fé nos indica ainda o caminho da missão, para cumprir o mandato de Jesus: “Ide pelo mundo e pregai o Evangelho...”

Para isso, precisamos de formação. Formar de maneira especial os leigos e leigas, que são a frente evangelizadora mais ampla da nossa Igreja. Os leigos pertencem ao mesmo tempo ao Povo de Deus e à sociedade civil. Seu principal dever é dar testemunho de Jesus Cristo pela vida e palavra, fazendo com que o Evangelho chegue a todos.

Recordo aqui o que diz o Concílio Vaticano II sobre esta questão: “A Igreja não está fundada verdadeiramente, nem vive plenamente, nem é o sinal perfeito de Cristo entre os homens se, com a Hierarquia, não existe e trabalha um laicato autêntico. De fato, sem a presença ativa dos leigos, o Evangelho não se pode gravar profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo. Por isso é necessário desde a fundação da Igreja prestar grande atenção à formação de um laicato cristão amadurecido.”

Esta “Semana Diocesana de Formação” é uma ótima iniciativa para seguir na trilha do Vaticano II e demais conferências do Episcopado na América Latina, que sempre, além do magistério papal dos últimos anos, insistiram neste ponto: formação!

Portanto, só posso parabenizar esta iniciativa e abençoar de coração quem idealizou e preparou, e a todos os que participarem desta atividade resumida no presente Subsídio.

Fraterno abraço de pai e pastor, em nome de Jesus!

Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo Diocesano de Santo André





INTRODUÇÃO AO POVO DE DEUS

A partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965), muito se fala em “Igreja Povo de Deus”. O termo “Povo de Deus” se caracteriza como uma das figuras de Igreja, mas que nem sempre é bem compreendido, a começar pela própria noção do termo “povo”. Esse termo, que perpassa toda a tradição bíblica, toda a eclesiologia e o direito, vai além de designar quantidade de pessoas, mas, à luz da fé, indica uma missão e seus desdobramentos. Na Igreja, não há nenhum membro isolado; todos fazem parte de um “povo”.

Deus escolhe para si um povo, destinado à realização do projeto salvífico de Deus. A dimensão coletiva do judeu-cristianismo se relaciona com a fé, a vida e a salvação. Para o judeu-cristianismo, as bases da fé são eventos históricos (criação, encarnação, revelação, escatologia). E tudo isso diz respeito à comunidade, pois a fé é comunitária. O indivíduo não se isola, mas se insere em várias instâncias de participação. A *Lumen Gentium* afirma que Deus não quis salvar indivíduos, mas quis salvar um povo (cf. n.9). Ora, “Deus quis entrar em uma dinâmica popular, na dinâmica de um povo”¹. A noção de “povo” é histórica e familiar. A noção do “povo eleito” não exclui os outros povos, mas se coloca a serviço deles como sinal de salvação. A Igreja do Novo Testamento está prefigurada no Israel do Antigo. Ao se falar de Igreja, fala-se em “Povo de Deus”, assim como se fala de Israel. É uma transferência de o que se fala para Israel ao novo povo. O povo do Senhor é o *laós*, enquanto os outros povos são *ethné*. O *laós* de Deus é formado por parentes e expressa a ideia de comunhão de vida e destino. Os nômades viam Deus como Pai. Dessa ideia surgem as alianças, unidade entre um e outro, fazendo com que Deus caminhe com seu povo onde quer que esteja – Deus conduz o povo e o povo conduz a Deus. E várias alianças foram feitas: Adão, Abraão, Moisés, Davi, Jesus. Elas não são excludentes, mas são modos de Deus renovar seu agir em diferentes etapas da História. Israel entende a eleição e a Terra Prometida como exclusividade. Isso vigorou por muito tempo no Cristianismo.

A primeira configuração histórica do povo ocorreu quando da chegada à Terra Prometida e se dava pela anfictionia das doze tribos (cf. Js 13-19). Assim como ela, o novo povo tem doze Apóstolos (cf. Mt 3,13-19). Esse número simbólico indica totalidade. As primeiras comunidades cristãs eram grupos pequenos e familiares, reunindo-se nas casas. Formar Igreja é formar pequenos grupos. Antes de qualquer organização estatal, as tribos eram comunidades de fé simplesmente. No Antigo Testamento há formas de compreensão do povo de Deus que serão relidas e repassadas para o novo povo de Deus, no Novo Testamento.

A expressão “Povo de Deus” foi resgatada pelo Concílio Vaticano II e alude a uma pre-

I PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, n.6.



sença concreta de um povo no mundo. Esse povo não é definido por língua e etnia, mas pelo batismo. O termo retoma o sentido de *eklesia*, que é o fundamento estrutural do cristianismo, valorizando o âmbito comunitário da fé cristã. A base teológica do “povo de Deus” faz parte de seu desígnio, quando o Senhor escolhe para si um povo que recebe a missão de estar a serviço dos outros povos, como sinal de salvação e “como preparação e figura daquela aliança nova e perfeita, que haveria de ser selada em Cristo”² (*Lumen Gentium*, n.9). A eleição está sempre arraigada à missão. A tradição do Antigo Testamento deixa clara a missão do povo eleito: “todos me conhecerão, dos menores aos maiores” (Jr 31,34). A grande conquista do Antigo Testamento é a compreensão de que o Deus Criador é também o Deus da Israel, Libertador, do Êxodo. O chamado de Abraão tem vistas à universalidade. Os profetas denunciam o não cumprimento da Aliança, pois o povo deturpou o sentido da eleição. Jesus, em sua ação e pregação, chama a atenção para isso. Na tradição do Novo Testamento é clara a ideia de herança, ou seja, a missão outrora dada a Israel agora é estendida para a Igreja, o povo messiânico, para que, em Cristo, todos os povos tenham vida. Ela “se situa nessa perspectiva como realização definitiva da reunificação do Israel, povo de Deus”³. A Igreja é continuadora do Antigo Testamento enquanto herda a promessa, os dons e a missão de Israel. Mas ao mesmo tempo ela é descontinuadora, porque o povo agora não mais se distingue como etnia, mas pelo batismo, pois todos são um em Cristo, um “edifício espiritual”, como diz a *Lumen Gentium*⁴. Esse novo povo organiza-se concretamente na sociedade e na história.

O Concílio Vaticano II conseguiu unir herança do Antigo Testamento e universalidade da salvação, concretizando historicamente o messianismo de Jesus. Num primeiro esquema conciliar, a expressão “Povo de Deus” não existia, mas, sim, a diferenciação entre hierarquia e laicato. Somente depois esse termo foi usado, em substituição da concepção de sociedade perfeita, envolvendo todos os membros da Igreja, cujo ponto de união é o Batismo⁵. Existe, porém, o mesmo perigo da deturpação do sentido do povo de Deus, como, por exemplo, o eurocentrismo, o medievalismo, a conservação dos valores e normas da cristandade.

A compreensão da Igreja vista a partir da noção do “Povo de Deus” supera, em primeiro lugar, toda tendência individualista da salvação cristã, “já que exige a pertença a uma concreta comunidade humana”⁶. Em segundo lugar, impele os cristãos a serem, de fato, sal e luz, uma vez que o projeto salvífico se desenvolve na história concreta de um povo e não pode se desvincular dela, gerando assim um cristianismo desencarnado. Esta noção favorece, outrossim, a sinodalidade, uma vez que o Povo de Deus exerce sua missão de maneira orgânica, cada um segundo o seu ministério, na vivência do sacerdócio comum.

2 *Lumen Gentium*, n.9.

3 PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*. Trad. João Paixão Netto. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2012 (Coleção IDT), p.32.

4 Cf. n. 9.

5 FLORISTAN, Casiano. *La Iglesia: comunidad de creyentes*. Salamanca: Sigueme, 1999, p.168-169.

6 MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, p.26.



Esse sacerdócio se concretiza na oração, no louvor, na oferta de si, no testemunho de vida, na verbalização das razões da esperança cristã. Essa teologia fundamenta a participação, a corresponsabilidade e o protagonismo de todos na Igreja e em sua atividade evangelizadora, que irá desabrochar numa adequada teologia do laicato⁷.

A expressão “Povo de Deus” é completada pela expressão “Corpo de Cristo”. A expressão “Corpo de Cristo” explicita a relação cristológica da Igreja. Ela pode dar ênfase aos membros, embora a verdadeira ênfase seja a do corpo mesmo, que continua existindo e funcionando mesmo com a saída de um de seus membros. Essa expressão foi muito usada pelos Padres da Igreja, que buscaram falar do modo de Jesus estar presente no mundo. Por essa razão, os relatos evangélicos insistem na questão do túmulo vazio (cf. Mt 28,1-8; Mc 16,1-8; Lc 24,1-8; Jo 20,1-10). Ora, se o corpo de Cristo está no sepulcro, ele não pode estar no mundo, mas se o túmulo está vazio, seu corpo está no mundo.

O termo “corpo” dá a ideia de organismo vivo. Nesse sentido, dois aspectos são importantes: a pertença pelo sacramento do Batismo, por meio do qual “cada um dos fiéis participa fundamentalmente da morte de Cristo⁸, e a Eucaristia, como constituinte da Igreja, alimento que dá vida para a vida do corpo⁹ e que expressa “da maneira mais clara a unidade da dimensão pneumatológica, cristológica e escatológica da Igreja”¹⁰. A Igreja define-se não como dona, mas como seguidora de Jesus, fiel ao seu projeto, que é de oferecer à humanidade a filiação divina. É isso que a Igreja faz, reconciliando a humanidade com Deus, insistindo nas relações de fraternidade de seus filhos e filhas.

7 Ibid, p.28.

8 KEHL, Medard. *A Igreja: uma ecclesiologia católica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 1997, p.83.

9 Cf. Lumen Gentium, n.7.

10 KEHL, Medard. *A Igreja: uma ecclesiologia católica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 1997, p.84.



CAPÍTULO I

POVO DE DEUS QUE CAMINHA

A ESPIRITUALIDADE DO ACOLHIMENTO E DA COMUNHÃO

A vocação da Igreja, Povo de Deus num caminho (sínodo) dinâmico convocado pelo Pai e guiado pelo Espírito Santo para formar em Cristo “o sacramento, isto é, o sinal e o instrumento da união com Deus e da unidade de todo gênero humano” (LG 1), se libera e se alimenta da conversão pessoal à espiritualidade de comunhão. Todos os membros da Igreja são chamados a acolhê-la como dom e empenho do Espírito que deve ser exercitado na docilidade às suas moções, a fim de educar-se para viver na comunhão a graça recebida no Batismo e levada a termo na Eucaristia: a passagem pascal do “eu” individualisticamente entendido para o “nós” eclesial, em que o “eu”, sendo revestido de Cristo (cf. Gl 2,20), vive e caminha com os irmãos e as irmãs como sujeito responsável e ativo na única missão do povo de Deus.

Caminhar Juntos: Acolhida e Comunhão

“Caminhar juntos” – ensina o Papa Francisco – é a via constitutiva da Igreja; a cifra que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus; a condição para seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida nesse tempo ferido”¹¹. Respiro e passo sinodal revelam aquilo que somos e o dinamismo de comunhão que anima as nossas decisões. Somente nesse horizonte podemos renovar de verdade a nossa pastoral e adequá-la à missão da Igreja no mundo de hoje. A acolhida do estrangeiro, do irmão, de Cristo é uma única acolhida da vida que Deus nos oferece visitando-nos. Uma novidade de vida que não muda de forma mágica a realidade cotidiana na qual estamos envolvidos, mas toca o nosso íntimo, o nosso olhar e o nosso estar com os irmãos. Acolher e ser acolhido faz praticamente parte da vida de todos nós. Quando acolhemos Jesus, Ele enche de vida nova o nosso ser e nos convida a dedicar-lhe tempo e dar-lhe espaço, a esperarmos que as coisas cresçam e possam amadurecer pela vivência da fé.

Acolher bem as pessoas como irmãos significa ir além do simples cumprimento. No acolher bem está incluído ajudar as pessoas nos momentos difíceis; dar-lhes o devido apoio nos momentos de suas incertezas; estar junto e defendê-las nos momentos de injustiças ou de desamparos. Quando acolhemos bem, rompemos com a solidão e com o anonimato desses irmãos e irmãs.



Jesus passou toda a sua vida nos ensinando. Todo o seu caminho foi um grande abraço, acolhendo a nossa condição humana para nos perdoar e nos mostrar que somos muito além do que pensamos, para nos dar a liberdade de nossa origem: somos filhos de Deus. Desse modo, podemos abraçar o mundo todo, abraçar o mundo acolhendo Jesus e os seus.

Na vocação batismal, somos convidados à vida cristã.

A vida do batizado assume tonalidade diferente em tudo o que ele faz, na sua vida pessoal, pastoral, na sua vida profissional etc. Deveríamos colocar, em todos os lugares e bem claro em nós, a frase: sou batizado, pertenço ao Senhor, para que todos possam ver quem somos e de onde vêm as nossas atitudes vitais. Não se envergonhar do nosso batismo e não envergonhar o nosso batismo. Os que pela fé e pelo batismo pertencem a Cristo devem confessar sua fé batismal diante dos homens. Tornar-se cristão é um trabalho artesanal de paciência, escuta, leitura. É um trabalho de mergulho nas profundezas do grande mistério do encontro e do conhecimento de uma pessoa, Jesus Cristo. Por meio dos três sacramentos de Iniciação: o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, e a sua adesão à fé, que o agregam a Igreja.

VOCAÇÃO: GRAÇA E MISSÃO

Todos somos chamados! Esta afirmação deve ressoar em nossas comunidades, justamente porque a vida cristã brota do encontro pessoal com Cristo Ressuscitado. Ao acolher a todos com uma cultura e espiritualidade de acolhimento, requer anteriormente uma compreensão profunda do chamado que Deus mesmo dirige a toda humanidade, querendo santificá-los não individualmente, mas como povo¹². Deste modo, a vocação cristã é essencialmente comunitária, abrangente e inclusiva.

A correta compreensão da vocação auxilia tantos cristãos a superarem uma visão reducionista dela. Neste sentido, por tantas vezes compreende-se o chamado que Deus faz à humanidade para que todos os povos da Terra formem um único povo, diverso em suas manifestações, mas unidos em fraterna comunhão, de modo excludente, isto é, onde a Igreja é mais vista como “clube” ou “sociedade fechada” que propriamente como sua verdadeira índole universal de ser Povo de Deus. Outro perigo que o Papa Francisco muito nos alerta é da compreensão clericalista da Igreja. Numa Igreja toda ministerial, que se entende como Povo de Deus, os ministérios ordenados devem ser compreendidos não como instrumento de poder e dominação espiritual-religioso-psicológico, mas como serviços que brotam da graça do chamado que Deus faz ao seu povo.

Reconhecer-se chamado por Deus é uma dádiva. Tomar parte do Povo de Deus, por outro



lado, não deve ser entendido como uma generalização, isto é, como se cada indivíduo se dissolve-se no meio da massa. Cada pessoa humana, vocacionada por Deus à vida, é chamada pelo nome. No rito do Batismo, cada ser humano é chamado por Deus pelo nome próprio enquanto é mergulhado pela força do Espírito Santo na morte e ressurreição de Jesus. O dom único da vida nova em Cristo nos é oferecido como verdadeira graça. Deste modo, cada cristão pode contribuir com uma sociedade mais harmoniosa, mais fraterna, colocando seus dons pessoais à disposição de toda comunidade humana.

Com isso, se o encontro com Cristo Ressuscitado faz o coração arder em gratidão a Deus por ter sido chamado pessoalmente a fazer parte do Povo de Deus, também devem colocar-se os pés a caminho. “Vocação pessoal e Igreja, entendida como comunidade de vocacionados e vocacionadas, são inseparáveis”¹³. A vocação de cada pessoa desdobra-se em missão. Para um cristão, como reflete a Igreja na América Latina em Aparecida, é impossível dissociar o seguimento de Jesus e a missão.

PELO BATISMO A MISSÃO, UMA TAREFA FUNDAMENTAL

Com o nascimento da nossa filiação divina, que se dá pelo batismo, nasce também a nossa missão para com a Igreja, na pessoa de Jesus. O Papa Francisco nos recorda, em uma de suas catequese: O batismo é o nosso maior presente. Por meio deste primeiro sacramento, nasce também uma peregrinação da fé, que nos fará viver e discernir o modo pelo qual viveremos a missão de Jesus, em seus diversos carismas e vocações, por meio da Igreja. No Batismo, nasce um futuro ministro ordenado, uma futura mãe, uma futura consagrada, um futuro catequista. Discernir o meio pelo qual empenharemos nossa vida com Jesus em sua Igreja é uma tarefa que requer abertura, correspondência e amadurecimento humano e espiritual.

A Igreja é a propagadora da missão, mas não de uma missão sua, e sim do Cristo Redentor. Foi o próprio Jesus, em seu mandamento evangélico que confiou a Sua Igreja a incumbência de propagar sua vida e mensagem de fé, esperança e caridade. A Igreja não deve ser a finalidade da mensagem, mas o meio de comunicação da obra da salvação. Sendo assim, pelo Batismo, todos somos discípulos-missionários, corresponsáveis em anunciar Jesus Cristo, nosso Senhor.

“A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, particularmente, do nosso — como lembrei, na minha primeira Encíclica programática — é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira, para o mistério de Cristo”¹⁴.

Diante de alguns cenários e contextos, podemos nos questionar: Mas será que ainda é

¹³ Texto-base do Ano Vocacional do Brasil, n. 6.

¹⁴ S. João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n. 4.



possível, anunciarmos Jesus diante de uma sociedade tão difícil? Para que a missão? Será que realmente precisamos ser missionários? Só seremos capazes de responder essas questões, se tivermos fé, pois é por essa dimensão sobrenatural que se fundamenta a missão. Não fazemos missão ou vivemos as nossas vocações na Igreja e no mundo apenas porque Jesus é bom, mas sim porque Ele é a verdade, o único caminho e vida que nos garante a salvação. Ele é o único mediador entre Deus e os homens, como nos recorda a primeira carta a Timóteo. E se reconhecemos, por meio da fé, de que Cristo é a verdade, o caminho pelo qual podemos nos salvar, isso deve naturalmente nos inclinar a missão, buscando tornar seu evangelho conhecido e amado.

Podemos, porém, também nos questionar: será que precisamos, na caminhada missionária, evidenciarmos a Igreja? Há tantos caminhos para se chegar até Jesus, será que precisamos da Igreja? Pelo Batismo, fazemos a adesão livre a fé, que professa de modo claro e distinto crer em Deus, Pai todo-poderoso, e crer também na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Cristo vive na Igreja, e a Igreja é instrumento da salvação universal manifestada em Jesus. Cristo cumpre a sua missão na Igreja¹⁵.

Não é possível querer Jesus sem sua Igreja, pois um está necessariamente atrelado ao outro. Quem oferece o Batismo? Deus! Por meio de quem? Da sua Igreja. A que somos convidados? A correspondermos com a missão de Jesus, sendo Sal na terra e Luz no mundo, em diferentes carismas, ministérios, espiritualidades e serviços. O Batismo nos faz Igreja, e todo batizado é missionário, por Jesus, com Jesus e em Jesus.

A missão e sua organização: compreender e participar

Para que o apelo do Cristo, que nos ordena fazermos discípulos em todas as nações, seja correspondido, a Igreja precisa organizar seu trabalho apostólico. Mesmo que o missionário não precise de muitos aparatos para anunciar Jesus e o seu Reino de amor, essa iniciativa precisa de ordem.

Todo trabalho de evangelização da Igreja requer organização. Com a missão isso se manifesta de modo objetivo por meio das POM - Pontifícias Obras Missionárias, que são organismos oficiais da Igreja Católica, vinculados à Congregação para a Evangelização dos Povos. Elas existem para intensificar a animação, a formação e a cooperação missionária em todo o mundo.

Em nossa Diocese de Santo André, a organização, animação e cooperação missionária se manifesta no COMIDI – Conselho Missionário Diocesano, que reúne os grupos com expressão missionária desejando favorecer a missão de Jesus Cristo. Nas nossas dez regiões pastorais busca-se sempre fortalecer o COMIRP – Conselho Missionário da Região Pastoral, espaço

15 Cf. S. João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n. 9.



que faz a ponte entre as demandas diocesanas e paroquiais. A Igreja também nos apresenta o COMIPA – Conselho Missionário Paroquial, que deve ser um conselho de reunião e articulação das diferentes atividades missionárias de uma paróquia.

É importante, entretanto, chamar atenção para um ponto fundamental. Precisamos superar a visão fragmentada das nossas pastorais, grupos e movimentos. Não podemos delegar o trabalho missionário apenas àqueles grupos que possuem aptidão ou carisma próprios a missão; eles são importantes para a animação missionária, como vimos, mas, pelo Batismo, todos somos discípulos-missionários.

Todos somos missionários no mundo, sobretudo quando vivemos cotidianamente nossa vocação cristã, como discípulos de Jesus, em fraterna comunhão, peregrinos e caminhantes pelas estradas da vida!



CAPÍTULO II

POVO DE DEUS QUE ANUNCIA

Introdução

Reunimos nesta reflexão os aspectos da missão da Comissão Pastoral de Animação Bíblico-catequética, da Pastoral das Comunicações e do Setor Juventude, tendo como base a centralidade do anúncio da Palavra na ação evangelizadora. A Igreja existe para evangelizar, e a noção do Povo de Deus está totalmente arraigada ao anúncio da Palavra.

Os carismas, dons do Espírito Santo que a Igreja continuamente recebe, devem sempre estar a serviço da ação evangelizadora. “Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos”¹⁶. Para que o anúncio aconteça – anúncio da Palavra – sem ser reduzido ou instrumentalizado por determinadas correntes ou ideologias, é preciso superar o particularismo e exercitar o sentimento de pertença a uma comunidade local.

Povo de Deus que anuncia na Comissão Pastoral de Animação Bíblico-Catequética

O anúncio da Palavra de Deus na ação Evangelizadora da Igreja se mistura com o termo catequese que não significa a catequese dirigida apenas às crianças, refere-se, à ação de evangelizar em seu conjunto, neste sentido evangelização, catequese, querigma se encontram.

A catequese é uma ação evangelizadora privilegiada, que visa ajudar a pessoa a encontrar Jesus Cristo, “caminho”, que nos conduz a Deus, “verdade” que ilumina a existência e “vida” em plenitude, que satisfaz todas as buscas humanas.

Desejamos refletir sobre o Querigma que neste caso, deve ser compreendido dentro de um contexto maior que é o tema da *Iniciação à vida cristã*, para isso, entendemos que estamos nos dedicando a um dos temas mais desafiadores da ação evangelizadora no hoje da Igreja do Brasil. A Conferência de Aparecida elevou a iniciação à vida cristã a categoria de urgência. Ela não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Ela se refere à adesão a Jesus Cristo que deve ser feita e refeita, fortalecida tantas vezes quanto o cotidiano exigir.

É importante conhecer a realidade e traçar metas para a ação evangelizadora à luz da Sagrada Escritura e do magistério da Igreja. O 8^a- Plano de Pastoral da nossa Diocese de Santo



André nos faz entender que a Igreja é casa da iniciação à vida cristã, isso nos indica o caminho a seguir, abordando aspectos prioritários, princípios norteadores e urgências irrenunciáveis para os planos de ação evangelizadora das nossas comunidades paroquiais. **À luz do 8º Plano de Pastoral** a comissão de animação Bíblico-Catequética diocesana, busca colocar em prática os itinerários número um que deseja fortalecer a comunhão e o sentimento de pertença, ao propor um novo olhar sobre as atividades que já são realizadas, de forma que possam promover a convivência comunitária e o Itinerário dois que visa proporcionar um caminho de vivência com Jesus, por meio da formação sobre querigma, iniciação à vida cristã e à cultura e espiritualidade do acolhimento.

Segundo o Papa Francisco: “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus Cristo como Senhor”¹⁷. A Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, afirma que o primeiro anúncio ou querigma deve ocupar o centro da atividade evangelizadora. Na boca do evangelizador/catequista volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”¹⁸. Com efeito, escreve Papa Francisco: “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio... É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano”¹⁹.

Vivemos uma mudança de época, sentida de modo mais expressivo na cultura, alterando o modo de relação da pessoa consigo mesma, com o meio que a rodeia, com o outro e a sociedade e, especialmente, com o Transcendente. “A nova época na qual parece que estamos entrando permanece em grande parte ainda indecifrável. Ela ainda é, para nós, um grande enigma”²⁰, a exemplo das grandes transformações da sociedade. Esta realidade nos desafia. Muitos são os desafios que enfrentamos no atual contexto do anúncio da Palavra de Deus.

A catequese hoje é chamada a fazer o Primeiro Anúncio, isso significa, a pregação global da boa notícia, o evangelho. Um evento que convida à conversão e à fé. O primeiro anúncio chocante que ressoa ao longo dos séculos. Trata-se essencialmente da ação de anunciar um acontecimento único com repercussões infinitas, uma vitória sem igual. A obra de Cristo e a sua salvação.

Querigma significa também explosão, uma força que se espalha. Assim, no dia de Pentecostes, Pedro grita em alta voz diante da multidão a boa notícia da salvação em Cristo; quer tornar este anúncio público e oficial (At 2,14).

17 PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n.110.

18 *Ibid.*, n.164.

19 *Ibid.*, n.165.

20 NEUTZLING, Inácio, SJ. *Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações*. In *Convergência*, n. 409, março/2008, p. 107.



O querigma como primeiro anúncio une o evento Jesus e o seu poder salvífico, não como algo que se deu no passado, uma lembrança; mas, que se realiza em cada época e a cada vez em que é anunciado, até os dias de hoje. Trata-se de um convite à conversão e a realização da unidade entre fé e obra a toda humanidade ²¹.

Para a primeira comunidade cristã o verdadeiro proclamador da mensagem da salvação é o próprio Deus, o mesmo Cristo. Não querem falar dos pregadores humanos, mas do anúncio (kérygma) em si mesmo: a mensagem está acima do mensageiro (keryx): ele é “servo da Palavra” (Lc 1,2), “testemunha da luz” (Jo 1,8). Eis a missão do catequista e todos os homens e mulheres de boa vontade que deseja que o Evangelho seja conhecido e acolhido.

Se quisermos apresentar o querigma ou primeiro anúncio em poucas palavras podemos dizer que se trata de anunciar que Jesus é o Cristo e Senhor (At 8,5; 19,13; 1Cor 1,23). Este anúncio segue os seguintes passos: ministério, paixão, morte, ressurreição e glorificação de Jesus.

Conforme mostra a tradição sinótica, a comunidade primitiva retomou a pregação de Jesus e continuou a anunciá-la. E na medida em que o fez, Jesus tornou-se para ela o mestre e profeta. Mas ele é mais: é, ao mesmo tempo, o Messias; e assim ela passa a anunciar – isso é o decisivo – simultaneamente a ele mesmo. Ele, antes o portador da mensagem, foi incluído na mensagem, é seu conteúdo essencial. O anunciador tornou-se o anunciado.²²

Pedagogia do Anúncio

Podemos afirmar que o Querigma como primeiro anúncio e Catequese designam as formas e etapas de um único processo de evangelização. Temos então como inspiração o que segue:

Primeiro passo: Confessar a Jesus Cristo:

Trata-se da transformação da fé (amadurecimento). As mais antigas confissões de fé israelitas (Dt 26,50; Jos 24,2-13), lembravam a saída do Egito. A libertação realizada por Jesus Cristo atinge toda a humanidade, As confissões como a de Pedro (Mt 16,16; Jo 6.68s), a do Cego de nascença (9,15. 30-33). A morte e ressurreição de Jesus é o objeto da profissão de fé. Esta se exprime nas formulas primitiva (1Co 12,3; 16,22; Fp 2,11). Não basta que a palavra seja recebida. Ela deve ser confessada, proclamada publicamente (Rm 10,9ss; Hb 13,15) Tem como modelo o próprio Jesus que testemunha a verdade (Jo 18,37). Ela acompanha o batismo (At 8,37. Nisto compreendemos Pedro (At 4,20), Estevão (At 7,56). Sempre sob a ação do Espírito Santo.

21 Compêndio do Vaticano II, *Constituições, Decretos e Declarações*, Dei Verbum, Vozes, Petrópolis, 1989²⁰.

22 Rudolf BULTMANN, *Teologia do Novo Testamento*, Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 74.



Segundo Passo - Cristo Mestre:

Jesus passou a sua vida ensinando (Mt 4,23; Jo 6,59).

Terceiro Passo - Os apóstolos:

Jesus ressuscitado dá a seus apóstolos a incumbência de ir por todo o mundo proclamar o evangelho a toda a criação (Mc 16,15), a todas as nações (Mc 13,10).

Quarto Passo - Pregar:

João Batista, Jesus, Pedro ou Paulo – seguem o mesmo esquema em suas pregações: chamar à conversão e anunciar um acontecimento.

Quinto Passo - Chamar à conversão:

Arrependei-vos (Mt 3,2; 4,17; At 2,38; 3,19; 5,31). Todo apelo que não leva à conversão corre o risco de deixar de ser Evangelho para se tornar uma conferência.

Sexto Passo - Proclamação dum acontecimento:

A pregação anuncia o evento da salvação. No dia da Páscoa, o Reino anunciado se manifestou na glória do Ressuscitado; no dia de Pentecostes, o dom do Espírito fez nascer a Igreja.

Povo de Deus que Anuncia no Setor Juventude

Igreja e Juventude não são realidades que se auto-excluem, como se pode pensar, apresentando a Igreja como uma realidade demasiadamente preza a um passado que a envelhece, enquanto a juventude buscaria novos ares em novos espaços extra-eclesiais, por não encontrarem um lugar propício para si. Ao contrário, Igreja e juventude se complementam e, poderíamos até mesmo dizer, identificam uma com a outra.

Já há algum tempo que a Igreja, principalmente na América latina, tem dedicado uma atenção especial aos Jovens. Com a segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, que ocorreu em 1968, em Medellín (primeira após o Concílio Vaticano II), a preocupação com a evangelização da juventude já era ma preocupação eclesial. Os bispos ali reunidos consideraram a realidade da juventude latino-americana e propuseram critérios básicos para a orientação pastoral dessa parcela da Igreja, uma vez que “A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma: ‘A Igreja é a verdadeira juventude do mundo’”²³.

²³ CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín ainda é atual?* São Paulo: Paulinas, 1998, 5, II, 10, p. 101.



Com a Conferência de Puebla, realizada em 1979, o tema da juventude não só continuou como tema de interesse para a igreja, como a juventude tornou-se uma opção preferencial da Igreja Latino-americana, juntamente com os pobres. A Conferência deixa bem claro que “A Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma *opção preferencial pelos jovens*, com vistas à sua missão evangelizadora no Continente”²⁴.

Em Santo Domingo, 4ª Conferência do Episcopado Latino-americano, a “opção preferencial pelos jovens” é reafirmada. Esta, segundo a Conferência, não deve ser uma opção apenas afetiva, mas também efetiva. Assim, “isto deve significar uma opção concreta por uma pastoral juvenil orgânica, onde haja um acompanhamento e apoio real com diálogo mútuo entre jovens, pastores e comunidades”²⁵. Na linha das conferências anteriores, também a Conferência de Aparecida sugere algumas linhas de ação para uma fecunda ação pastoral junto aos jovens, buscando dar “novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais (Dioceses, paróquias, movimentos, etc), [assim como] privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação da vida, e garantia de compromisso missionário”²⁶.

A Igreja no Brasil tem assumido essa opção preferencial pelos jovens e buscado trabalhar com esse público específico, visto que “ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração”²⁷. A Igreja no Brasil, ao olhar para os jovens, olha para sua própria juventude. Por isso, a juventude já foi tema de duas Campanhas da Fraternidade: em 1992, com o tema “Fraternidade e Juventude”, e lema “Juventude – caminho aberto”; e 2013, com o tema “Fraternidade de Juventude”, e lema “Eis-me aqui, envia-me”. Ainda, é tema recorrente nas Assembleias Gerais da CNBB. Como resultado dessa atenção da Igreja no Brasil para com os jovens, após dois anos de estudos, em 2007 a CNBB lança o Documento 85, com o título “Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas pastorais”. Nele, logo no início, a Igreja no Brasil afirma que “Conhecer os Jovens é condição prévia para evangelizá-los”²⁸. Esse Documento é importante para os jovens do Brasil porque é nele que temos, como linha de ação da Igreja no Brasil, a proposta de “organizar uma articulação mais ampla – Setor Juventude – que envolva todas as forças que trabalham com os jovens”²⁹.

24 CELAM. *Puebla: A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985, nº 1186, p. 285.

25 CELAM. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano: Santo Domingo*. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 1992, nº 114, p. 130.

26 CELAM. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. 10. Ed. São Paulo: Paulus, 2009, n. 446, p. 200-201.

27 FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Brasília: Edições CNBB, 2019, nº 34, p. 21.

28 CNBB. *Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas pastorais*. Doc. 85. São Paulo: Paulinas, 2007, nº 10, p. 15.

29 *Ibid.*, nº 186, p. 95.



Atenta às necessidades da Juventude do grande ABC, a Diocese de Santo André, desde então, instituiu o Setor Juventude Diocesano, com o objetivo de articular todas as pastorais, grupos, movimentos, associações, e novas comunidades que possuam um trabalho específico com a juventude. Sem buscar descaracterizar nenhum desses organismos, o Setor Juventude que ser um espaço de comunhão e participação para toda a juventude diocesana, promovendo encontros e formações, visando uma maior interação de nossa juventude. Em nossa diocese, pertencemos à “Área pastoral 2 – Para o laicato, a Vida e a Família”, entretanto, nosso público está presente em todas as áreas pastorais identificadas pelo sínodo Diocesano³⁰. Atualmente, o Setor tem como assessor o Pe. Dayvid da Silva, e como coordenador diocesano, o jovem Junior Medeiros, contando ainda com outros membros que pertencem à coordenação diocesana e com coordenadores regionais.

Povo de Deus que Anuncia na Pastoral da Comunicação - Pascom

A dimensão do anúncio sempre foi uma premissa da Igreja, tendo em vista o mandato de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). No decorrer dos séculos a Igreja, mediadora da Revelação divina, de diversos modos, a partir da fé, do que-rigma aprofundado pela catequese, procurou viver fielmente esta sentença.

Sempre atenta aos sinais dos tempos, a Igreja Católica, realizou diversos concílios, dentre eles 21 Concílios Ecumênicos, o último deles, o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XVIII, que segue em vigor e em vigor até os dias atuais.

Considerando as mudanças de época, o Concílio Vaticano II compreendeu que “o *aggiornamento*”³¹ para adequar a Igreja aos tempos atuais não deveria significar a mera adaptação a relações mutáveis, mas sim abertura ao mundo moderno.”³² Para tanto promulgou 3 constituições, 4 declarações e 9 decretos.

Entre as diversas características de suma importância dos documentos conciliares, cabe destacar a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, singularmente na perspectiva do “Povo de Deus” e o diálogo com as novas invenções técnicas e os meios de comunicação social, com o Decreto *Inter Mirifica*.

A compreensão de “Povo de Deus” trazida pela constituição dogmática supracitada, confere ao conceito uma dimensão de universalidade, pois “todos os homens são chamados a for-

³⁰ DIOCESE DE SANTO ANDRÉ. *Constituição Sinodal*. Santo André: Departamento de Comunicação Diocesano; Fipe Artes Gráficas LTDA, 2018.

³¹ Expressão italiana que designa renovação, atualização.

³² Helmut Hoping, *A Constituição Sacrosanctum Concilium*. In: As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje, org. Geraldo B. Hackmann e Miguel de Salis Amaral, Edições CNBB, 2015, p.99.



mar o novo povo de Deus”³³, para tanto, estabelece, que cada membro deste povo, enquanto Igreja, é chamado a unidade e a missionariedade. “Cada discípulo de Cristo participa da responsabilidade de propagar a fé”³⁴.

Dentre os diversos meios de propagação da fé e “anunciar aos homens a mensagem de salvação”³⁵, com o Decreto *Inter Mirifica* aprovado em 1963, há uma abertura de diálogo com as inovações tecnológicas no que tange aos meios de comunicação social, pois reconhece que “essas invenções sobressaem os meios que, por sua natureza, são capazes de atingir e movimentar não somente os indivíduos, mas toda a sociedade humana”³⁶.

Com uma nova base estabelecida pelo Concílio Vaticano II no campo eclesiológico e também neste panorama dos novos meios comunicação e evangelização, houve muitos desdobramentos até os dias hodiernos, considerando as constantes mudanças e rápidas mudanças desde então.

Com advento de novas tecnologias, principalmente no âmbito comunicacional, internet na década de 90, popularizando-se no final da década, as redes sociais no início dos anos 2000 e *whatsapp* em 2009, chegamos a era da informação, um mundo em redes.

Tudo isto interferiu diretamente na cadência mais acelerada da sociedade pós-moderna, em suas diversas vertentes, seja ela cultural, científica, mercadológica, econômica, religiosa e nas relações sociais entre os próprios indivíduos. Tudo está interconectado, interdependente, além de ser exacerbadamente mutável, rápido, instantâneo, imediatizado, requerendo ações que sigam conseqüentemente estes mesmos moldes.

A “sociedade” é cada vez mais vista e tratada como uma “rede” em vez de uma estrutura (para não falar uma “totalidade sólida”): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis.³⁷

Juntamente com a revolução tecnológica e por conseguinte, comunicacional, o período hodierno, pós-moderno, também é relevantemente marcado pelo relativismo extremado, fazendo ruir o edifício do universalismo moderno, haja vista que passa não haver uma única verdade, valores sólidos, uma orientação segura, mas possibilidades de verdades passíveis de discussão.

33 CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 119.

34 CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 125.

35 DECRETO INTER MIRIFICA. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 89.

36 DECRETO INTER MIRIFICA. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 87.

37 BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro. Zahar, 2007. p. 9.



No entender da era da pós-modernidade, o mundo não possui centro algum, somente pontos de vista e perspectivas distintas. Como a verdade é inatingível, só restam interpretações particularizadas, fragmentadas. [...] tudo está aberto a discussão, tudo é mais uma pretensão de verdade que um argumento instável.³⁸

Na questão relativista explicitada, elenca-se que a própria racionalidade (razão) como filtro e possibilidade única de leitura do mundo e emancipação do sujeito quanto a instituições religiosas e com o transcendente, também abre espaço para o pluralismo, pois no período pós-moderno muitos elementos que o processo iluminista racionalista procurou dismantelar, retornam com outras roupagens e de forma plural.

Está em marcha uma grande onda de re-sacralização do mundo. É o que se nota, ainda, no culto às pirâmides de cristal, na seriedade com que se consultam astrólogos e videntes e na multiplicação de seitas religiosas. Banidos pela Ilustração, o mito e a superstição voltam triunfalmente.³⁹

Hodiernamente mais do que em gerações passadas, na era das redes, a Igreja não pode estar alienada a este contexto, ao contrário, como já prenunciado no Decreto *Inter Mirifica*, deve dialogar com o cenário vigente, mantendo a moralidade e centralidade do que anunciamos, a solidez da verdade que é Jesus, a fé, a salvação, em meio ao relativismo e pluralismo existente, inclusive no panorama religioso.

A PASCOM neste sentido, não existe por si mesma, mas deve estar a serviço deste diálogo, contribuindo enquanto pastoral de conjunto, com todas as pastorais movimentos e associações, para que a mensagem da IGREJA seja devidamente propagada, fazendo uso correto, com rigorosos critérios éticos, de todas as ferramentas existentes que contribuam com o processo de anúncio e evangelização.

Considerações Finais

A ação evangelizadora hoje tem-se preocupado com o anúncio de Jesus Cristo, por isso precisamos continuar refletindo alguns questionamentos pertinentes, tais como: Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo, como fazê-los mergulhar nas riquezas do Evangelho, como iniciá-los verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-los participar da vida divina? Como realizar uma *iniciação* de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar discípulos missionários de Jesus?

38 CARMO, Paulo Sérgio do. *Sociologia e sociedade pós-industrial: Uma introdução*. São Paulo. Paulus, 2007. P. 182-183.

39 CARMO, Paulo Sérgio do. *Sociologia e sociedade pós-industrial: Uma introdução*. São Paulo. Paulus, 2007. p. 175.



A ação Evangelizadora da catequese, do setor juventude e da PASCOM encontra-se hoje diante de formidáveis desafios. Apesar de tantas realizações e promissoras experiências neste campo, é muito frequente a falta de coragem e um sentimento generalizado de impotência diante da tarefa de transmissão da fé às novas gerações. Os esforços de renovação realizados a partir do Concílio Vaticano II não parecem ser suficientes.

Diante disso, a opção hoje da Igreja é se debruçar não tanto sobre a “preparação para receber sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelas quais se faz o “tornar-se cristãos”, processos que vão além da catequese entendida como transmissão de um conteúdo, mas como processos para que o Anúncio da Palavra de Deus seja fecundo na vida dos nossos interlocutores.



CAPÍTULO III

POVO DE DEUS QUE PARTILHA

A realidade da família na Igreja hoje

Faz parte da vocação e da missão da Igreja “Povo de Deus”, como característica da fé cristã, o valor da partilha. É sabido que o tema é deveras abrangente e, ao pensar em partilha, pensa-se sobretudo na opção preferencial pelos pobres e nos desdobramentos desta opção, que resulta na ajuda em vários níveis às pessoas nessas condições. Antes de tudo, porém, é preciso compreender que, para que haja realmente partilha, essa atitude precisa começar em casa, no ambiente familiar. A família, embora, como outras instituições, está em crise, mas, mesmo com tantos desafios, ela faz parte do projeto de Deus.

Os desafios da Igreja e da Família

A configuração do povo da antiga Aliança deu-se por meio da esfera familiar: o povo era povo porque unido pela descendência de Abraão. A Igreja, novo povo de Deus, é unida pelos laços do Batismo, o que faz da *ekklesia* a família de todos aqueles que professam a fé em Jesus Cristo e formam um edifício de pedras vivas, sendo a presença do Corpo de Cristo no mundo. O Salvador encarnou-se na história no seio de uma família. Desse modo, é possível perceber que como qualquer outra vocação, o ser família é a resposta generosa ao chamado do Senhor para continuar a obra da criação e da salvação.

Antes de sermos Igreja, somos família. O presente e o futuro da Igreja, portanto, dependem do presente e do futuro da família. Em primeiro lugar, queremos, à luz da *Amoris Laetitia*, elencar alguns desafios para a vida da família na atualidade. A crescente cultura do individualismo atinge de maneira grave a vida das famílias. O “eu” acaba sendo mais importante que o “nós” da família. Como diz o papa:

Gostaria de acrescentar o ritmo da vida atual, o estresse, a organização social e laboral, porque são fatores culturais que colocam em risco a possibilidade de opções permanentes. Ao mesmo tempo, encontramos-nos perante fenômenos ambíguos. Por exemplo, aprecia-se uma personalização que aposte na autenticidade em vez de reproduzir comportamentos prefixados. É um valor que pode promover as diferentes capacidades e a espontaneidade, mas, se for mal orientado, pode criar atitudes de permanente suspei-



ta, fuga dos compromissos, confinamento no conforto, arrogância⁴⁰.

O papa destaca o ritmo frenético da vida no contexto urbano e a crescente cultura do individualismo, e as futuras gerações precisam ser bem orientadas para não fazerem escolhas erradas. Diminuiu-se o número de matrimônios e cresce o índice de pessoas que decidem viver sozinhas. É preciso, como Igreja, que anunciemos e vivamos o valor e a importância do Matrimônio e da vida familiar.

Percebe-se hoje, nas comunidades cristãs, o envelhecimento das assembleias. Esse fator aponta para o afastamento dos filhos, dos netos, dos jovens e crianças do ambiente eclesial. O que aconteceu, ao longo de décadas, para que grande parte das famílias não perceba o sentido de ser Igreja? “A nossa maneira de apresentar as convicções cristãs e a forma como tratamos as pessoas ajudaram a provocar o que hoje nos leva a lamentar, pelo que nos convém uma salutar reação de autocrítica”⁴¹. Não são somente as questões doutrinárias que mantêm as famílias na comunidade. É preciso também que reaprendamos a transmitir os valores da fé, que reaprendamos a deixar e a fazer o coração arder, que percebamos a verdadeira voz do Bom Pastor que fala ao coração. Ser Igreja não é apenas obrigação, mas ser Igreja é bom, agrega, faz crescer e dá sentido à vida. O papel dos pais na vida dos filhos é de suma importância, não apenas para prover o necessário e digno sustento, mas para transmitir valores e fé. Os pais partilham com os filhos o amor, a atenção e a escuta. Desse modo, os pais vão gerar nos filhos processos de amadurecimento integral e autêntica autonomia. “Procuramos compreender ‘onde’ os filhos verdadeiramente estão no seu caminho? Sabemos onde está realmente a sua alma? E, sobretudo, queremos sabê-lo?”⁴².

Muitos filhos hoje sentem falta dos pais, pois não obtêm deles a partilha de que necessitam. Por isso, é preciso atenção e o esforço para gerar confiança nos filhos, inspirando-lhes um respeito amoroso. “Quando um filho deixa de sentir que é precioso para seus pais, embora imperfeito, ou deixa de notar que nutrem uma sincera preocupação por ele, isto cria feridas profundas que causam muitas dificuldades no seu amadurecimento”⁴³. Ao contrário, a família é chamada a construir junta a virtude, cultivando a liberdade, para que ninguém seja escravizado por inclinações compulsivas e dominadoras.

Igreja: família acolhedora e missionária

É preciso que em nossas comunidades, a acolhida e a missão atinjam a vida familiar, não apenas das famílias que já estão na Igreja, mas também àquelas que nela podem encontrar

40 PAPA FRANCISCO. *Amoris Laetitia*, 33.

41 *Ibid.*, n.36.

42 *Ibid.*, n.261.

43 *Ibid.*, n.263.



um refúgio seguro, sobretudo para que tenham apoio nas questões relacionadas ao amor e à espiritualidade conjugal, a superação dos conflitos diários, a criação e educação dos filhos. Partilhar, antes de ser um gesto material para aqueles que são de fora, é um gesto a se cultivar na família e na comunidade: partilhar o tempo, a atenção, a união, celebrar a Eucaristia, evangelizar, formar e acolher para o sacramento da Reconciliação, etc. É momento de abandonar a postura crítica ao mundo decadente, e indicar o verdadeiro caminho da felicidade.

Muitos não sentem a mensagem da Igreja sobre o matrimônio e a família como um reflexo claro da pregação e das atitudes de Jesus, o qual, ao mesmo tempo em que propunha um ideal exigente, não perdia jamais a proximidade compassiva às pessoas frágeis como a samaritana ou a mulher adúltera. Isso não significa deixar de advertir a decadência cultural⁴⁴.

Outro desafio da família – e da Igreja – é a superação da chamada “cultura do provisório”, que torna o amor algo efêmero, que torna o compromisso algo enfadonho, que torna a velhice como um fardo pesado do qual se deve fugir, que torna as pessoas descartáveis e que faz com que as pessoas se usem umas às outras e sejam usadas umas pelas outras. Na contramão disso, a Igreja, Povo de Deus, é chamada a ser lugar de acolhida, apoio e partilha para todos, partilha da vida e do testemunho de amor e de perseverança que o ser família exige.

Ao pensar na pobreza, que cresce desenfreadamente a cada dia, que gera dificuldade e abandono. A pandemia da Covid-19 despertou em nossas comunidades a atenção para com os mais necessitados, da mesma forma que a demanda por ajuda cresceu sobremaneira em nossas Igrejas. Mas as dificuldades das pastorais sociais estão aos poucos retornando, pois parece que a sensibilidade e a atenção às famílias nessas situações tenham novamente diminuído.

O papa elenca, também, alguns outros desafios, a saber: a educação dos filhos e a atenção dedicada a eles pelos pais por conta da rotina de trabalho; a desvalorização da mesa; as outras distrações, como a televisão e as redes sociais; a excessiva preocupação com o futuro; as dependências; as rupturas das famílias destruídas e suas consequências; a violência familiar; as distinções entre a dignidade do homem e da mulher; as ideologias que visam determinar a educação das crianças⁴⁵. O enfraquecimento da família também vai enfraquecer a sociedade como um todo.

Algumas perspectivas pastorais

Em nossa prática pastoral, faz-se necessário viver o que nos aponta o 8º Plano Diocesano de Pastoral: acolhida e missão. Assim, como família, precisamos ser Igreja Doméstica, e, como

44 Ibid., n. 38-39.

45 Cf. Ibid., n.50-56.



Igreja, precisamos chegar e acolher as famílias. A paróquia, comunidade de comunidades, é também família de famílias, que vive de fato o Evangelho. Assim,

em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, será certamente um dom precioso, para o momento atual da Igreja, considerar também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja. A salvaguarda deste dom sacramental do Senhor compete não só à família individual, mas a toda a comunidade cristã⁴⁶.

Nesse sentido, é preciso recuperar o viver a graça da Igreja Doméstica, muito assumida pelas famílias durante a pandemia da Covid-19, durante a qual não era possível participar presencialmente da comunidade. E isso não se trata apenas de criar em casa um ambiente de oração e vivência da fé, mas, antes de tudo, um ambiente de acolhida, de escuta e de amor gratuito. Para construirmos uma comunidade mais acolhedora, é preciso que cultivemos esses valores também com os membros da família, apesar das dificuldades e desafios, com paciência e espírito de serviço mútuo, oferecendo e recebendo o perdão, exercendo o amor. Vivendo tudo isso dentro de casa, certamente poderemos viver, pouco a pouco, tudo isso na comunidade. Recebendo e vivendo o amor de Deus, poderemos também o transmitir a todos aqueles que vêm ao nosso encontro na vida comunitária.

Em nossas comunidades, é muito comum a falta de integração entre os casais que se preparam e celebram o matrimônio e os demais agentes de pastoral. Além de uma catequese adequada para esses casais, a paróquia precisa ser ambiente propício para que a celebração do matrimônio não seja o fim de uma etapa, mas o início de uma nova caminhada, “que os lança para diante com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis”⁴⁷. Neste trecho, Francisco menciona a chamada “pastora do vínculo”. Hoje em dia, como está o nosso vínculo com a comunidade, em tempos em que grande parte das pessoas não querem se comprometer?

Nesse sentido, faz-se necessário a transmissão e a vivência da fé em família. A educação na fé acaba sendo “terceirizada” para os catequistas na comunidade. “A transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de procurá-lo, de precisar dele”⁴⁸. Criando um ambiente de partilha da vida na comunidade paroquial, as crises dos adolescentes, por exemplo, poderão ser bem administradas; a vida de oração pode ser cultivada.

46 Ibid., n.87.

47 Ibid., n.211.

48 Ibid., n.287.



CAPÍTULO IV

POVO DE DEUS QUE CELEBRA

Introdução

Pelas ações litúrgicas, a Igreja continua a obra salvadora de Cristo e, por meio de sinais sensíveis, gestos, orações e cantos, opera a santificação de todos os batizados e batizadas. Por ela, torna-se presente o Mistério Pascal de Cristo. O termo “liturgia” vem do grego *leitourgia* e significa “ação do povo, para o povo, ou comunitária”⁴⁹. O Diretório Diocesano de Liturgia, publicado pela Diocese de Santo André (SP) afirma que “a liturgia da Igreja não é um conjunto de ritos desconexos e nem preservação de costumes antigos, mas é a edificação da comunidade que celebra”⁵⁰.

O Concílio Vaticano II, por meio da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, incentivou uma grande reforma litúrgica, levada a cabo nos anos seguintes ao concílio. E o Povo de Deus, carente de constante formação e esforços, sempre obedecendo ao dinamismo da história, para que a reforma seja aplicada ainda nos dias de hoje. Diz o documento:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro (...) quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta (...). Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo

49 CELAM. Manual de Liturgia 2. São Paulo: Paulus, 2005, p.15.

50 DIOCESE DE SANTO ANDRÉ. Diretório Diocesano de Liturgia. 2018, p.4.



título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja⁵¹.

O Concílio resgatou a compreensão da liturgia e seu lugar na autoconsciência da Igreja. A compreensão da liturgia está totalmente ligada à compreensão da Igreja. Por ser atividade da Igreja, pela liturgia, a Igreja, sacramento de Cristo⁵², vive genuinamente a sua vocação. Para se compreender este aspecto da vida e da missão do Povo de Deus, o presente texto vai abordar a noção de celebração e aplicá-lo a partir das orientações do Papa Francisco na *Desiderio Desideravi*.

A celebração: ação da Igreja “Povo de Deus”

A Igreja, que se configura e se organiza como Povo de Deus, expressa sua missão de várias formas. Uma delas, tida como fonte e ápice de sua vida e de sua missão, é a dimensão litúrgico-celebrativa⁵³. O Povo de Deus celebra. Vale ressaltar que o Povo de Deus é formado não apenas pelos leigos e leigas, mas por todos aqueles que recebem no batismo a adoção filial de Deus, em Jesus Cristo. A liturgia é obra da Igreja como um todo e seus frutos podem ser colhidos por todos os membros do Povo de Deus, cada um a seu modo, “conforme a diversidade de ordens, dos ofícios e da atual participação”⁵⁴. Por ser celebração da Igreja, ela é, de per si, comunitária, caracterizada pela participação plena, consciente e ativa dos fiéis, capazes de realizar suas funções a fim de que a ação litúrgica transcorra com decoro e nobre simplicidade.

A celebração do mistério pascal é a liturgia transformada e vivida como ação. “A celebração é uma categoria fundamental para definir a liturgia como ação representativa e atualizadora do mistério de Cristo e da história da salvação”⁵⁵. Etimologicamente, “celebrar” tem a mesma raiz do verbo “frequentar” e do adjetivo “célebre”. Célebre não é apenas o lugar onde as pessoas frequentam e se reúnem, mas também o acontecimento em si. Unido à dimensão da fé, “celebrar” tem a ver com “convocação” (*ekklesía*): logo, a Igreja é Igreja quando, reunida, celebra.

Quando o Povo de Deus se reúne para celebrar, ele, na verdade, abre espaço para que o divino se encarne na realidade e a absorva, de modo que o Mistério Pascal, base da fé, se atualize no hoje da vida da Igreja (dimensão memorial da fé e da celebração). A epifania do divino na realidade atual e concreta não é uma mágica, mas uma iniciativa da Igreja, que, por meio de sinais e símbolos, invoca ao Pai, por Cristo, no Espírito, tornando presente a Palavra proclamada e, conseqüentemente, a palavra dirigida, sob o impulso do Espírito. Além disso, toda vez que a

51 Sacrosanctum Concilium, n.7.

52 Cf. Lumen Gentium, n.1.

53 Cf. Sacrosanctum Concilium, n.10.

54 Ibid., n.26.

55 MARTÍN, Julian López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2022, p.150.



Igreja celebra, ela anuncia o Mistério Pascal e antecipa a plena posse dos dons salvíficos reservados para a plenitude do Reino de Deus⁵⁶.

A celebração, ação de Cristo Cabeça e Igreja Corpo, tem uma dimensão ritual. A ritualidade da liturgia é expressa pela ação de transformar palavra em acontecimento concreto. Esta ação é misteriosa, ou seja, torna-se fonte perene de significação, a ponto de se estender por todos os aspectos da vida dos sujeitos eclesiais. Nesse sentido, é importante resgatar o sentido da liturgia e da celebração cristã, não apenas como vivência de um ritualismo exterior, mas como acolhimento da ação salvífica de Deus na Igreja e no mundo.

***Desiderio Desideravi* e a “arte de celebrar”**

Em sua carta *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco chama a atenção para a necessidade do resgate do sentido da Liturgia. Após os contributos do Concílio em favor do resgate da liturgia como celebração do povo de Deus e da autoconsciência da Igreja como comunhão e participação, a Igreja vivenciou décadas de busca da compreensão e do amadurecimento deste sentido: houve momentos de uma criatividade desmedida, houve momentos de resgate de práticas e tradições que não mais faziam sentido. O hoje da liturgia da Igreja deve girar em torno de “redescobrir, custodiar e viver a verdade e a força da celebração cristã e suas necessárias consequências na vida da Igreja”⁵⁷.

Em primeiro lugar, é preciso retirar da liturgia os resquícios do mundanismo espiritual, abordado pelo papa na *Evangelii Gaudium*⁵⁸. Esse mundanismo espiritual consiste na vivência do *neognosticismo* e do *neopelagianismo*. O *neognosticismo* reduz a fé a um subjetivismo. Nos últimos tempos, verifica-se uma crescente individualização da fé cristã, e isso se reflete no modo de celebrar: a grande variedade de formas de celebrar numa mesma Igreja, a associação da celebração eucarística a determinados grupos, pastorais e movimentos, o caráter subjetivista de cantos não litúrgicos empregados nas celebrações, a falta de comprometimento pastoral, etc. Vale recordar que “a ação litúrgica é um encontro comunitário de toda a Igreja: Cristo, que é a cabeça, e o seu corpo, que são os ministros e os cristãos leigos e leigas. Por isso, é evidente que o encontro tem caráter comunitário, pois realizar uma ação litúrgica exige que o Povo de Deus esteja reunido em assembleia”⁵⁹. Desprezar o caráter comunitário da celebração cristã é desprezar a própria liturgia em si. A celebração não pertence ao indivíduo, tampouco a um grupo específico, mas a toda a Igreja. Ao observar os textos eucológicos da celebração, percebe-se o

56 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, n.8.

57 PAPA FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, n.16.

58 Cf. nn.93-97.

59 ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. *Atualização Litúrgica 5*. São Paulo: Paulus, 2022, p.92.



seu caráter comunitário. Tudo que seja contrário a isso, segundo o Papa Francisco, é demoníaco. “A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento individual do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como assembleia”⁶⁰.

Do mesmo modo, é preciso purificar a liturgia de tudo aquilo que designa o *neopelagianismo*, pelo qual a salvação é compreendida como resultado do esforço pessoal do crente. Numa religiosidade de aparências, não raro se percebe uma vivência da lei pela lei, de modo que os sacramentos são instrumentalizados. A celebração cristã, por outro lado, não é uma conquista do Povo de Deus, tampouco a Eucaristia é o prêmio para alguns, mas, pela liturgia, proclama-se a gratuidade do dom da salvação recebido na fé. Afirma Francisco que “a liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, faz nova a nossa vida”⁶¹.

Ao pensar em redescobrir o sentido da liturgia, a partir do que a *Sacrosanctum Concilium* afirma, não se deve buscar um esteticismo ritual e um apego rubricista. Do mesmo modo, não se pode conceber a reforma litúrgica como o precedente para uma banalidade desleixada ou mera superficialidade. A busca do povo de Deus deve ser pelo cuidado com todos os aspectos, como espaço celebrativo, tempo litúrgico, gestos, palavras, vestimentas, cantos, e na atenção aos ritos, mas somente isso não é suficiente.

O papa Francisco ressalta que há, no sujeito contemporâneo, a perda da capacidade de se confrontar com a ação simbólica, tão presente na liturgia. Por isso, caiu-se no erro de explicar conceitualmente todos os símbolos e de criar tradições novas, que nada têm a ver com o sentido dos sacramentos. Atualmente, nas reuniões e formações das pastorais litúrgicas, a liturgia é vista não como fonte da vida e da missão da Igreja, mas como um problema a ser resolvido, resumido pelo que se pode ou não se pode realizar. O fulcro da questão é eclesiológico. Certamente, a consciência da Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, pela qual, por meio do Batismo, se vive a comunhão e a participação, também está comprometida pela concepção de outros cenários de Igreja que não estão em comunhão com a eclesiologia conciliar. Como expressão da Igreja, se não há uma reta compreensão do seu eu-ecclesial, não haverá, conseqüentemente, uma reta compreensão do sentido da celebração cristã.

Para crescer na capacidade de viver a ação litúrgica em plenitude, o Papa afirma a necessidade de uma séria e vital formação. E tal formação é proposta pelo papa a partir do seguinte caminho: formação para a liturgia e formação pela liturgia⁶². A formação para a liturgia, iniciada pelo Movimento Litúrgico do século XX, consagrado pelo Concílio, precisa ir além do ambiente acadêmico e chegar a todo fiel. Muitos fiéis leigos e leigas não têm a mínima noção do sentido

60 *Desiderio Desideravi*, n.19

61 *Ibid.*, n.20.

62 *Cf. Ibid.*, n.34.



dos gestos e dos textos eucológicos da celebração, por exemplo. Para conduzir a assembleia, primeiramente o presidente da celebração, o pastor da comunidade, precisa conhecer o caminho. A partir disso, é possível abrir-se para ser formado pela liturgia. “A plenitude de nossa formação é a conformação com Cristo (...). Essa é a finalidade para a qual foi concedido o Espírito cuja ação é a de, sempre e unicamente, compor o Corpo de Cristo”⁶³. A liturgia glorifica a Deus porque possibilita a todos ver Deus nela.

A chamada “arte de celebrar”, compreendida à luz do sétimo parágrafo da *Sacrosanctum Concilium*, consiste na observância dos ritos, não com um fim em si mesmos, mas de modo que estejam a serviço de uma realidade maior. Afinal, na liturgia dos sacramentos, os símbolos são sinais visíveis que apontam para uma realidade invisível. A arte de celebrar precisa estar unida à ação do Espírito Santo, para não se cair num exteriorismo ou num rubricismo. A arte de celebrar não permite, portanto, improvisos. Comparando à atitude do artista, que é possuído pela arte, o papa fala que a técnica não é o bastante, mas “é necessária uma diligente dedicação às celebrações, deixando que a própria celebração nos transmita a sua arte”⁶⁴. A arte de celebrar carece também da consciência da força da assembleia: “fazer todos o mesmo gesto, falar todos juntos com uma só voz, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia”⁶⁵.

Faz parte da arte de celebrar o silêncio litúrgico. Ele não é um refúgio intimista, mas abertura e espaço para a ação do Espírito. Diz o Papa:

o silêncio move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer realizar na vida para nos conformar ao Pão partido. Por isso, somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: é nele que o Espírito nos dá forma (*Desiderio Desideravi*, n.52).

Não se pode prescindir também dos gestos e posições do corpo. A arte de celebrar abarca interiorização profunda de todos os gestos, e não apenas realizá-los como expressão corporal externa e automática. Não faz sentido reverenciar o corpo se o coração não assume também esta atitude. Isso recorda a compreensão espiral do ano litúrgico. Ora, o ano litúrgico não transcorre numa dimensão linear, mas espiral, ou seja, a cada Páscoa, por exemplo, o indivíduo está diferente, num lugar diferente, num momento diferente da sua vida.

O papel dos presbíteros e demais presidentes da celebração é preponderante na vivência da arte de celebrar. Muitos membros da assembleia celebrante se espelham em seu pároco. Nesse sentido, os presbíteros precisam superar o personalismo exacerbado, que geram o que o

63 Ibid., n.41.

64 Ibid., n.50.

65 Ibid., n.51.



papa chama de “mau-trato” à assembleia.

Eis uma possível lista de atitudes que, embora sendo opostos entre si, caracterizam a presidência de modo certamente inadequado: rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; precipitação apressada ou lentidão acentuada; descuido negligente ou excessiva minúcia; excessiva afabilidade ou impassibilidade hierática⁶⁶.

No caminho da formação litúrgica, também o presbítero é chamado a deixar-se formar pela liturgia para a presidência, pela qual, “no novo ethos da presidência litúrgica, o presbítero é chamado a ajudar a assembleia a fazer sua oração da Igreja”⁶⁷. A presidência forma o presbítero pelas palavras e pelos gestos que a liturgia coloca em sua boca e em suas mãos. O papel do presbítero que preside a Celebração Eucarística é: ser reflexo da humildade do Senhor, que serve; não roubar a centralidade do altar, mas agir com o coração contrito e humilde; ter consciência de que ele é um entre os demais, que também se reconhece pecador e suplica a misericórdia de Deus.

66 Ibid., n.54.

67 BOSELLI, Goffredo. *O Sentido Espiritual da Liturgia*. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: Edições CNBB, 2017 (Coleção “Vida e Liturgia da Igreja”, vol. 1), p.126.



ANEXO

A IGREJA E SUA MISSÃO NA REALIDADE ATUAL

Palestra ministrada por Dom Pedro Carlos Cipollini, para os Conselhos Regionais de Pastoral em março de 2023

1. Projeto Salvífico de Deus e Igreja

A Igreja não só esteve na intenção de Jesus, pois ela é componente do projeto salvífico de Deus. Foi prefigurada desde a criação e está latente no Antigo Testamento (Antiga Aliança). A Igreja foi preparada na história do povo de Israel, ela é herdeira das promessas feitas a Abraão (Gl 3,15-19).

O Vaticano II nos fala de uma Igreja que vem desde Adão, desde o justo Abel, como uma criança em gestação: “...desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e na Antiga Aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito Santo” (LG n. 2). A Igreja fundada nos “últimos tempos”, isto é no tempo do Jesus histórico e do Cristo pascal.

A *Lumen Gentium* também fala de “atos fundantes” ou seja, uma fundação progressiva (LG n. 5) a partir de Jesus e que se manifesta plenamente em Pentecostes, quando recebe sua configuração definitiva e a missão de evangelizar, de “missionar” todos os povos.

Fica claro, portanto, que a iniciativa de formar a Igreja não vêm dos seres humanos, mas de Deus. Ela é dom de Deus á humanidade, é a assembléia daqueles que foram chamados, convocados (cf. 1Cor 1, 26-29).

A Igreja brota do mistério trinitário expresso em imagens usadas por S. Paulo: projeto do Pai (*Povo de Deus*), executado através da obra redentora do Filho (*Corpo de Cristo*) na força do Espírito Santo que a impulsiona (*Templo do Espírito Santo*). Em uma grande sintonia, o Pai projeta, o Filho executa e o Espírito Santo administra. Estes são os princípios estruturadores da comunidade eclesial (D. Tepe).

A Igreja é, pois a comunidade de Fé, comunidade única no mundo, que guarda a memória de Jesus Cristo, assistida pelo Espírito Santo. A fé em Jesus Cristo é eclesial e não individual. Eu creio na (dentro) Igreja: “Aproveu a Deus salvar a todos não individualmente, mas em comunidade” (cf. LG n. 9). Portanto não existe cristianismo sem Igreja. Ela É comunidade de seguimento de Jesus Cristo, que guarda sua memória. Comunidade única no mundo porque assistida pelo Espírito Santo, celebra a presença do Ressuscitado e o anuncia ao mundo. Cada comunidade eclesial existe por iniciativa de Deus, como dom (é Deus que envia seu Filho), pois



a comunidade é fruto da fé e é próprio da dinâmica da fé reunir, congregar e expandir.

2. O “ser” missionário da Igreja

Um dos maiores desafios da Igreja é ser acolhedora como tanto insiste o Papa Francisco frisando a cultura do descartável e a globalização sem solidariedade que se difunde cada vez mais: “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai”(EG 47).

A Igreja somente acabou de nascer em Pentecostes, quando se manifestou ao mundo como um movimento missionário para levar a mensagem do Reino de Deus ao mundo todo. A finalidade da missão é reunir as pessoas no Povo Messiânico cujo fundamento é Jesus Cristo morto e ressuscitado.

A missão nasce do encontro com Cristo vivo (Palavra, Eucaristia, Próximo). Após o encontro vem a missão que não é atividade circunstancial da Igreja, mas pertence ao ser da Igreja. A finalidade do discipulado é a missão: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, na Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Mais que serviço missionário da Igreja podemos falar que a missão de Jesus tem uma Igreja a seu serviço: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do amor fontal, isto é da caridade de Deus Pai...” (AA n. 2). E o Papa Paulo VI vai escrever que evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade, ela existe para evangelizar (cf. EN n. 14).

Através da missão a Palavra de Deus, a Boa-Nova do Evangelho caminha de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de povo a povo através da História. A palavra cresce e se multiplica (cf. At 12,24). Os Atos dos Apóstolos nos mostra a importância dos evangelizadores convictos, movidos pela força do Espírito Santo. Por sua vez quem é evangelizado se torna evangelizador.

Quem não se tornou evangelizador é porque ainda não compreendeu, ou não assimilou a Palavra (Mensagem do Reino que está na Oração do Pai Nosso de forma sintetizada) com profundidade (cf. Rm 16). A missão progride a partir da comunidade (Igreja) alimentada pela Palavra e Eucaristia (Jesus). Não se pode separar Jesus, Reino e Igreja (João Paulo II in RM 18). É a comunidade que envia o evangelizador. Não existe evangelização ou missão sem comunidade e não existe comunidade sem Eucaristia.

A missão tem sua fonte no encontro com Cristo vivo (Jo 4,28-30; Mt 28,16-20), Palavra que se fez carne. É na Eucaristia que nos encontramos de um modo todo especial com Cristo vivo. A Eucaristia forma a comunidade e alimenta a missão (At 2, 42).

Só a Palavra não basta. Se não for alimentada pela Eucaristia, a missão perde a sua



identidade, torna-se proselitismo, propaganda, busca de mercado. A Eucaristia é festa (pão/corpo, partilha, justiça do Reino) e sacrifício-serviço (vinho/sangue, amor-solidário, entrega da vida). A missão visa a criação de um “mundo eucarístico” onde se glorifica a Deus por uma vida na justiça e santidade.

Em uma Igreja em saída (cf. Cap. I EG), “A causa missionária deve ser a causa de todas as causas”(Papa Francisco in EG 15).

3. Que Igreja queremos ser?

POVO DE DEUS. A partir da imagem de Povo de Deus que nos indica o projeto do Pai criador de incluir toda a criação na participação na comunhão de seu amor(é o projeto grandioso do Reino) a Igreja se manifesta na sua historicidade. A Igreja missionária deve ser militante, isto é desenvolver a prática da justiça e da caridade. Com isso ela sinaliza a presença do Reino de Deus. A Igreja é uma pela convocação do Pai, católica pela destinação universal:

- a. Igreja/Comunidade fraterna e igualitária de batizados, o que une os membros da Igreja é mais do que o que divide.
- b. Igreja/Comunidade organizada e estruturada, muitos dons e muitos carismas que devem estar unidos. O pastor é aquele que recebe o dom de manter unido o Povo de Deus como comunidade de fé e amor e deve exercer este dom na fidelidade, com temor e tremor.
- c. Igreja/Comunidade solidária com os pobres porque ela é o Novo Israel que á semelhança do Antigo Israel, nasceu do Êxodo (Ex. 3) no qual Deus libertou da escravidão do Egito. Deus escolhe os pobres (cf. ICor 1, 27-28).
- d. Igreja/Comunidade toda ela ministerial, unidade na diversidade.

CORPO DE CRISTO. A partir da Imagem de Corpo de Cristo percebemos que o fundamento do Povo de Deus é Jesus Cristo, pedra fundamental. A Igreja missionária deve ser profética confrontando sempre a realidade com o Evangelho. Cristo é o corpo e seu espírito é a força que dá coesão a este corpo.

- a) Igreja/Comunidade da Escritura e Tradição, pois é apostólica e se reporta sempre a esta sua origem. Herdeira dos apóstolos, da fé apostólica.
- b) Igreja/Comunidade do Batismo que culmina na Eucaristia.
- c) Comunidade de Belém/Nazaré *kenose* (Encarnação) e da Páscoa (Ressurreição)
- d) Comunidade profética e martirial. A Igreja faz o memorial do crucificado que



é o ressuscitado (evangelização integral).

TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO. A partir da imagem de Templo do Espírito Santo, podemos completar o princípio cristológico (Cristo) com o princípio pneumático (Espírito Santo) (Rm 8; Gl. 4; 1Cor 3, 16; 6,19). O Espírito Santo é o dinamismo da Igreja a tal ponto que poderíamos chamar os Atos dos Apóstolos de Atos do Espírito Santo. O Espírito é santificador, sem santidade de vida não existe missão. É também a santidade de vida de seus membros que dá à Igreja autoridade para evangelizar. Tudo o que os apóstolos realizam foi “ movido pelo Espírito Santo”.

- a) Igreja/Comunidade dinâmica e escatológica
- b) Igreja/Comunidade Sacramento do Reino. Não se pode separar a pessoa de Jesus da causa de Jesus (Reinado do Pai)
- c) Igreja/Comunidade a serviço da justiça do Reino (Mt. 25, 31-46).
- d) Igreja/Comunidade dos sinais dos tempos que supera o imobilismo para se abrir aos novos caminhos indicados pelo Espírito Santo (cf. GS 4,11; 44).

4. Mundo atual e desafios à Igreja

Vejamos alguns desafios marcantes do mundo atual, ou seja, da sociedade em que vivemos e na qual está imersa a Igreja. Entre tantos podemos destacar:

- **Secularismo** crescente em meio ao processo de globalização. Isto quer dizer que estamos diante de uma mudança radical na cosmovisão cultural do ocidente. Tudo se interliga (globalização), mas em torno do dinheiro (não de Deus). Tudo está à disposição do ser humano. Nada é sagrado, a não ser a vontade do homem. Cientifismo positivista e materialista. Há uma mutação da cultura. Mais que época de mudança, uma mudança de época. Virada antropocêntrica.
- **Individualismo.** A subjetividade foi o núcleo da modernidade e agora o individualismo é o núcleo da pós-modernidade. O indivíduo está atado a sua subjetividade, às suas experiências como critério de verdade, o sujeito interfere na constituição da verdade e assim tudo é relativo (relativismo). Cada um tem uma visão própria para as coisas segundo seus próprios critérios. Religião confinada ao âmbito pessoal e particular dos indivíduos. Busca de satisfação, fama e poder. Consumismo.
- **Desumanização.** Pobreza crescente, alargamento do fosso entre ricos e pobres



a nível mundial. Basta pensar na abundância da Europa frente à miséria da África p. ex. O vazio de sentido é uma das conseqüências maiores da exclusão social desumanizadora. O nihilismo gera o vazio de sentido e as guerras...

- **“Desespirtualização”.** A inspiração cristã foi substituída pelas ideologias que mostraram sua falência. Esta falência faz renascer uma espiritualidade que vem proliferando ora como fundamentalismo (religiões cheias de certezas e soluções) ou uma espiritualidade “light” que resolve todos os problemas e satisfaz todas as aspirações como a “Nova Era”, ou seitas Evangélicas. Permanece a busca de sentido... Há um retorno do religioso de maneira anárquica e que não quer dizer desejo de encontro com Deus. Muita religiosidade e pouca fé. Pluralismo religioso.

Enfim, há uma ruptura entre cristianismo e a cultura ocidental, a cultura da modernidade e pós-modernidade deixou de ser cristã. Isto assusta porque diante desta situação, não se pode colocar remendos, mas se deve repensar o cristianismo na sua globalidade, no seu todo. “Sem termos realizado ainda a transposição do cristianismo tradicional para o horizonte da modernidade, somos solicitados já a repensar e traduzir a fé no contexto da pós-modernidade” (Carlos Palácio in Persp. Teol. 36(2004)183). Aqui não estamos falando do lado positivo, ou negativo da modernidade e pós-modernidade, mas apontamos desafios.

5. Pistas possíveis para uma ação pastoral

Estamos em uma época de “desafeição eclesial” na qual se fala do cristão não eclesial. O desafio para a Igreja não é a heresia, mas a indiferença, o abandono silencioso. O mercado substitui a Igreja: fora do mercado não há salvação. Olhando para a Igreja dos primeiros séculos podemos auferir pistas que nos podem orientar:

Em linhas gerais, a Igreja é desafiada a radicalizar-se no essencial: voltar-se para o Evangelho, para a pessoa de Jesus Cristo, a fim de ser missionária em favor do Reino de Deus, confiando unicamente na força do Espírito Santo. O dom do Espírito confere audácia ao missionário(a).

- *A questão da identidade não pode ser posta de lado. O que é ser cristão? É seguir Jesus Cristo morto e ressuscitado (At 11,26) e viver em comunidade.* Em Jesus de Nazaré tudo está dito pelo Pai e tudo está ainda por dizer à Humanidade. Por isso a identidade cristã a partir de Jesus Cristo é dinâmica e vai se formando sempre e se renovando em cada época. Temos que discernir em nós mesmos o que é e o que não é cristão e ficarmos com o que é cristão. Devemos, portanto, purificar ou simplificar (no sentido de busca do essencial) a doutrina e a religião. Fortalecer a Fé (Retiros Paroquiais)
- *Assumir o lugar geográfico da missão: as cidades, ou melhor, as casas (Igreja*



doméstica – Comunidades Eclesiais Missionárias). Não fazer coro com a idolatria da cidade que cultua os deuses do prazer, fama e poder. Ousar propor o amor-serviço como “*modus vivendi*” do cristão. Traço desta Igreja é a sinodalidade: Igreja sinodal. Espaço de convivência e oração comunitária. Necessidade de oferecermos o sentimento de pertença

- *Formação sistematizada, catequese da Iniciação Cristã em todos os níveis. A identidade interna da comunidade se alicerça no Amor, na noção do valor sagrado do semelhante; quem não ama o irmão vive no pecado (1Jo 3,10). A solidariedade como expressão necessária do amor. Os laços de sangue são suplantados pelos laços do amor em Cristo oriundo do batismo. Formar para o acolhimento, ter canais de escuta.*
- *Na missão, o objetivo principal é evangelizar: fazer discípulos de Jesus dando testemunho de vivência das bem-aventuranças. A comunidade deve aceitar ser no mundo como Jesus: sinal de contradição. Valor do testemunho na evangelização (cf. Paulo VI in EN 14). “A palavra de Deus e a missão devem permear todas as atividades de nossa Igreja. Somos impelidos a sair da área de conforto para unirmo-nos a todos os que se entregam para difundir o Reino de Deus”(Documento Sinodal Diocese de Santo André número 10).*
- *A comunidade é comunidade pascal, vive na certeza da ressurreição de Jesus Cristo enquanto espera sua volta. Por isso é testemunha da esperança vivendo mais da fé naquilo que não vê ainda realizado plenamente do que naquilo que vê. Sinalizar o valor da comunidade como fonte de alegria na fé e no amor. O acolhimento é expressão de amor (com freqüência anônimos e distantes). Ir ao encontro dos afastados. Fortalecer COMID, COMIRPs e COMIPAs.*
- *Formar a comunidade de fé como tarefa continuada (aqui destaca-se a tarefa primordial do presbítero como *mistagogo*). Vencer a inadequação dos meios de comunicação dentro da Igreja. A pastoral com a juventude é um desafio permanente já notado por Puebla, mas não ainda assumido. Formar leigos adultos que possam assumir responsabilidades liberando os padres para suas tarefas específicas. Saber dar uma orientação ética e moral que transmitam de forma adequada a proposta evangélica.*
- *Pobres: “A associação aos pobres corresponde ao caminho mais seguro da salvação. A Igreja em seu profetismo é a advogada dos pobres (cf. DAp 554). Por isso, a nossa tarefa é fazer dos interesses dos pobres, os nossos próprios interesses e colocar a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres (cf. EG 97)”(Constituição Sinodal – Diocese de Santo André n. 11).*
- *Tudo isso exige de nos uma conversão pastoral missionária (cf. EG 25) que começa no coração de cada um.*